

## Arte e Cultura nas Bordas da cidade

José Guilherme Magnani

---



**Édition électronique**

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/662>

DOI : 10.4000/pontourbe.662

ISSN : 1981-3341

**Éditeur**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Édition imprimée**

ISBN : 1981-3341

**Référence électronique**

José Guilherme Magnani, « Arte e Cultura nas Bordas da cidade », *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 23 janeiro 2014, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/662>

---

Ce document a été généré automatiquement le 15 septembre 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Arte e Cultura nas Bordas da cidade

José Guilherme Magnani

---

*Relato de campo: Excursão a eventos na zona sul de São Paulo – Capão Redondo, Cidade Ademar, Jardim São Luís, integrantes da proposta “Estéticas das Periferias : Arte e Cultura nas bordas da cidade”, 31 de agosto de 2013. Participação: José Guilherme Magnani (NAU/USP) e Antonio Eleilson Leite (EACH/Ação Educativa).*



- 1 Tendo em vista que o NAU participou da organização das três edições deste evento realizado pela Ação Educativa, propus ao Diretor de Cultura dessa Ong que idealizou e é o principal responsável pela iniciativa, acompanhar a programação deste sábado, pela zona sul de São Paulo. Na realidade, o evento todo se espalhou por 45 espaços e equipamentos culturais na periferia – incluindo CEUs, Fábricas de Cultura, bibliotecas,

centros culturais independentes, além de sedes do SESC, Museu do Futebol e Centro Cultural São Paulo, durante uma semana, de 27 de agosto a 1º de setembro de 2013.

- 2 Saímos em torno das 13:30 em direção ao Capão Redondo, zona sul – mais precisamente à favela Morro do Piolho, no Jardim Rosana – para uma “festa de quebrada”, no projeto “Áreas de Conflito em Transformação” da Associação Capão Cidadão. Como Eleilson tinha agendado uma entrevista in loco sobre o andamento do “Estéticas” para a SPTV, da Rede Globo, então aproveitei para dar um rolê e conhecer o projeto e seus dirigentes. Segundo o coordenador, Paulo Magrão, essa ONG tem já oito anos e o espaço que ocupa, um antigo lixão na entrada da favela, agora abriga um campo de futebol com palco para

apresentações artísticas e, ao lado, as instalações do escritório, salas de atendimento, cozinha, biblioteca.



Figura 1: a entrada da Associação



Figura 2 : o escritório

- 3 Uma vez por mês a Associação promove atendimento oftalmológico, corte de cabelo a cargo de um salão de cabeleireiro da região, que traz seus aprendizes para cortar cabelo

de graça; oferece ainda aulas de balé e de alfabetização para adultos e jovens. Magrão assegura que os fundos para as atividades vêm de comerciantes da própria região, nada de verba de órgãos públicos ou internacionais: o dinheiro é contadinho, mas regular.

- 4 Vi os cabeleireiros em ação, uma maquiadora fazendo desenhos no rosto de crianças, arte educadoras promovendo brincadeiras infantis no campo, uma moça paraplégica, frente ao cavalete, pintando um quadro com pincel preso à sua boca – o que logo chamou a atenção da equipe da Rede Globo. Numa roda notei a presença de Netinho de Paula, vereador e secretário da Igualdade Racial da Prefeitura de São Paulo e, pelo que captei da conversa, respaldado por um assessor, tratava de dar assistência a familiares do DJ Lah, assassinado numa chacina, este ano. Tanto o DJ Lah como MC Daleste, este assassinado durante uma apresentação em Campinas, em julho deste ano, foram homenageados pelo Estéticas das Periferias, juntamente com Niggaz, grafiteiro do Grajaú e Sabotage (MC que vivia numa daquelas favelas da Avenida Roberto Marinho, bairro do Brooklyn), ambos mortos em 2003.
- 5 E por falar em políticos, encontrei também Gabriel Medina, ex- candidato do PT a vereador, que esteve no NAU por conta de nosso Jovens na Metrópole, falando de sua plataforma (não se elegeu, obteve 8.000 votos) mas hoje é Coordenador de Juventude da Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos do governo Haddad. Estava acompanhado,

entre outras pessoas, por uma doutoranda da prof. Marília Esposito, da FE. Ficou de voltar ao núcleo para uma outra conversa....



Figura 3: cabeleireiros em ação



Figura 4 : a pintora paraplégica

- 6 O ambiente estava bem animado e nem haviam começado ainda as atrações, que seriam muitas, ao longo do dia; segundo a programação, o destaque, às 18h00, ficaria por conta

do show do rapper Edi Rock, membro o Racionais MC's ao lado de Mano Brown, Ice Blue e KL Jay. Aliás, segundo Eleilson, essa região é área de influência do próprio Mano Brown. Não ficamos para a apresentação porque o próximo destino era Cidade Ademar, mais precisamente o CEU Alvarenga, outro espaço com programa agendado pelo “Estéticas”.



Figura 5: a maquiadora



Figura 6 : familiares do DJ Lah

- 7 E lá fomos, enfrentando o trânsito da quebrada e logo um engarrafamento monumental na avenida Interlagos: três motoqueiros estendidos no asfalto, carros da polícia em volta – tudo a indicar perseguição, tiroteio, execução. Cultura de periferia, violência....
- 8 Bairro Pedreira, Cidade Ademar, CEU Alvarenga. Devidamente interpelados na portaria, entramos e vimos jovens circulando no pátio, o futebol na quadra, skatistas em ação; entramos no auditório e já estava em andamento uma mesa redonda. Eleilson logo foi abordado por um personagem devidamente “montado” - um vestido espalhafatoso, sapatos de salto alto, brincos imensos, mas sem a postura corporal de *drag queen*: parecia mesmo um ator, que fez questão de anunciá-lo e levá-lo para a mesa. No momento falava Luci, a gestora deste CEU que existe já há 10 anos, citando Paulo Freire, enfatizando a necessidades de mobilização coletiva, o direito ao espaço público. E



repetiu várias vezes: dar visibilidade aos invisíveis da cidade. O auditório estava com um terço de ocupação.



Figura 5: a mesa de debate



Figura 6: só para comprovar, estive lá...

- 9 Logo em seguida falou um senhor, aparentemente um “animador” cultural local (Vila Missionária), que fez uma longa exposição sobre uma atividade chamada “O cavalo nóia”, cuja origem teria sido a descoberta de dois cavalos enterrados no local onde seria construído o CEU, há 14 anos. Desde então, toda última sexta feira de novembro sai às ruas do bairro um séquito acompanhando cavalos (não ficou claro se de carne e osso ou figuração); no ano passado, a festa reuniu 3 mil pessoas. Desenvolveu umas considerações eruditas, citou Maquiavel, distinguiu instituição de instituinte, fez uma

analogia entre “coletivo cultural” e coletivo mesmo, de ônibus, como algo que começa a e termina, aonde se entra e de onde se sai. Outro orador, Pedro Neto, integrante do Fórum de Culturas Populares Tradicionais, começou anunciando que iria dar uma definição de cultura no sentido antropológico (opa, fiquei atento...) e entre outras afirmou que cultura é prática mas também simbólica e que nada de cultura de periferia, cultura é cultura e ponto final.

- 10 O próximo a falar foi o representante do VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), programa da Prefeitura de São Paulo, que começou fazendo um apelo dramático para que fossem acesas as luzes da plateia, já que, segundo enfatizou, “não se tratava de um show, em que o foco estaria sobre a mesa”, pois ele queria ver os rostos dos assistentes, os verdadeiros protagonistas etc... E foi uma longa fala sobre política, “feita por pessoas”, em seguida referiu-se às recentes manifestações de rua, criticou a política institucional de cultura, indignando-se pelo fato de que os bairros de Pinheiros, Vila Madalena recebem mais incentivos que Cidade Ademar: é preciso repensar os critérios do orçamento que regem os editais e acessos a recursos públicos. Fez uma crítica também aos CEUs, são 48, afirmou, mas nem todos valorizam o aspecto cultural. No CEU Alvarenga, é outra coisa, desde 2004 aqui se discute cultura. Cultura é diferente de Educação: enquanto esta tem seus horários, calendários, a cultura ocorre à noite, na rua... Cultura não deve ser encarada como forma de inclusão, como meio para tirar o jovem da rua; aliás, é justamente o contrário, deve permitir o acesso do jovem à rua, o espaço público. Segundo ele, a cultura tem três funções: a) de cidadania; b) simbólica; c) econômica. Os alunos devem ocupar a escola! Terminou citando Ferrez e Fernando Coelho, sobre como “sobreviver em São Paulo”, superando a oposição centro vs. periferia.
- 11 De tempos em tempos o ator travestido – devia ser o MC do evento - entrava no palco e fazia umas falas, anunciava pessoas, ente os quais um rapper que cantou/declamou uma composição sobre política, jovens, cultura, etc. etc. Foi anunciada também uma performance de alunos da professora Sintia Ribeiro, de uma escola de ensino médio, da região. Espalhados pela plateia, levantava-se um de cada vez para declamar trechos a partir de um texto do escritor Ferrez sobre desigualdade social, violência urbana, exclusão. Foram muito aplaudidos. Tipicamente de classe média, chegaram só para a apresentação e, terminadas as falas, se retiraram...
- 12 Em seguida foi dada a palavra a Eleilson que deu um rápido informe sobre o “Estéticas”, enfatizando a participação dos CEUs, neste ano. A mediadora aproveitou essa intervenção para “cobrar” auxílio financeiro a um grupo de músicos (estava presente) que precisava apenas de 500 reais, vejam só, para finalizar seu CD. Explicou que ela, atriz, conseguiu financiamento pela Lei de Fomento Municipal, para a apresentação de seu grupo, 500 mil reais, (desembolsáveis ao longo de dois anos), mas havia coletivos como aquele que precisava de tão pouco. Eleilson prontamente respondeu explicando as regras de financiamento e pagamento de cachês do “Estéticas” e esclareceu que naquele caso correspondia ao CEU conseguir tal recurso.
- 13 A atração dessa noite no CEU Alvarenga estava por conta de “Rapadura” e “DJ Erry”, prevista para as 18:00, mas precisávamos sair, pois tínhamos ainda outro compromisso pela frente e o MC nos levou até o camarim onde havia umas bolachinhas de lanche; tirei mais umas fotos e partimos rumo à Fábrica de Cultura do Jardim São Luis, onde deveriam apresentar-se, neste sábado, os grupos “Pingo de Fortaleza” (18:00) e “Pagode da 27” (20:00). No caminho, enquanto enfrentávamos outro imenso engarrafamento até

chegar à ponte João Dias, veio a notícia de que um dos grupos, o “Z’África Brasil”, não se apresentou no CEU Guarapiranga, na região de Santo Amaro, à hora combinada. Depois de vários telefonemas, ficou esclarecido: o grupo esteve no local, mas não pode fazer o show porque o aparelho de som do CEU estava queimado... Eleilson considerou inaceitável essa situação ponderando que para a próxima edição este equipamento terá que melhorar sua infra-estrutura para espetáculos.

- 14 Chegamos à Fabrica de Cultura Jardim São Luís pela rua “Fim de Semana” que começa na Estrada de Itapecerica, exatamente no ponto em que fica o Hospital Campo Limpo e termina na Av. Antonio Ramos Rosa onde fica a Fábrica do São Luiz. Segundo Eleilson, essa região, o Parque Santo Antonio, é considerada uma das mais violentas da cidade. Lembrou também que o Racionais MC tem um rap, de 1993, chamado justamente “Fim de Semana no Parque”, cuja letra faz relação com o nome daquela rua e é reconhecida somente por quem conhece a fama da região.
- 15 São oito, as Fábricas de Cultura, localizadas em regiões carentes (Vila Curuçá, Itaim Paulista, Sapopemba, Parque Belém, vila Nova Cachoeirinha, Jardim São Luís Capão Redondo), como uma espécie de contraponto do Governo do Estado aos CEUs, da prefeitura. São edifícios funcionais, muito bem construídos, com uma programação variada e de boa qualidade de ensino de artes, voltada para público jovem – com o propósito de “tirar das ruas”, conforme me assegurou uma funcionária.
- 16 Público meio “miado”, esperando a apresentação do “Pagode da 27”, cujos integrantes encontramos no vestiário, aguardando o início do show. Aproveitei para visitar todas as instalações – realmente “padrão FIFA” – ciceroneado por uma simpática funcionária (anteriormente lotada na Secretaria Estadual de Cultura, assessora do então titular Marcos Mendonça). Não ficamos para o *show*, pois o último compromisso do dia era no Centro Cultural São Paulo, a que Eleilson não podia faltar. Na viagem de volta passamos pelo bar do Zé Batidão, sede da Cooperifa, quem sabe rolavam um escondidinho e uma cerveja rápida, para fechar o périplo pela periferia. Mas estava fechado. O jeito foi dar uma parada num bar da Vila Mariana, já perto da Vergueiro. Dispensei o último show no Centro Cultural, pois eram 21:30 e a etnografia já estava de bom tamanho; ao todo foram 100 km. rodados, durante oito horas.
- 17 Algumas considerações finais: o programa ao longo tarde foi se “elitizando” – de uma festa na quebrada, na sede da Associação Capão Cidadão, chão de terra, sem catracas, – para o bem equipado auditório da Fábrica de Cultura do Estado, edificação afastada da rua, passando por um CEU da Prefeitura até terminar no centro Cultural São Paulo, no centro da cidade... A edição do “Estéticas” de 2013 incluiu, em sua programação, equipamentos públicos – o auditório do Ibirapuera, Museu do Futebol, CEUs, Fábricas de Cultura, bibliotecas, ônibus bibliotecas. Seria interessante analisar a participação desses equipamentos, a disponibilidade de suas instalações, a forma como os usuários entram nos espaço e se comportam neles.
- 18 Para Eleilson, a visão que terminou se generalizando sobre a cultura de periferia feita em “botecos” deve ser relativizada, pois são poucas as situações em que isto ocorre, comparativamente a outras. Há um certo “mito” cercando o protagonismo do bar do Zé Batidão, por exemplo: cabe lembrar que a Cooperifa começou em 2001 e o Samba da Vela, na Casa de Cultura de Santo Amaro, outro ícone da cultura de periferia em São Paulo, data de 2000. Por outro lado, não é desprezível o caráter comercial de muitos eventos e iniciativas protagonizados por esses “intelectuais da periferia” que circulam bem à vontade pelo “centro”, pelas universidades, ONGs e aparelhos de estado.

---

AUTEUR

**JOSÉ GUILHERME MAGNANI**

Professor titular do Departamento de Antropologia da USP e coordenador do NAU – Núcleo de Antropologia da USP